

FUNERAL DO TEMPO

P. Pontes

“Havia jardins, havia manhãs naquele tempo”

C.D.A.

*Descubro o avesso do mundo
O falso, a má conduta*

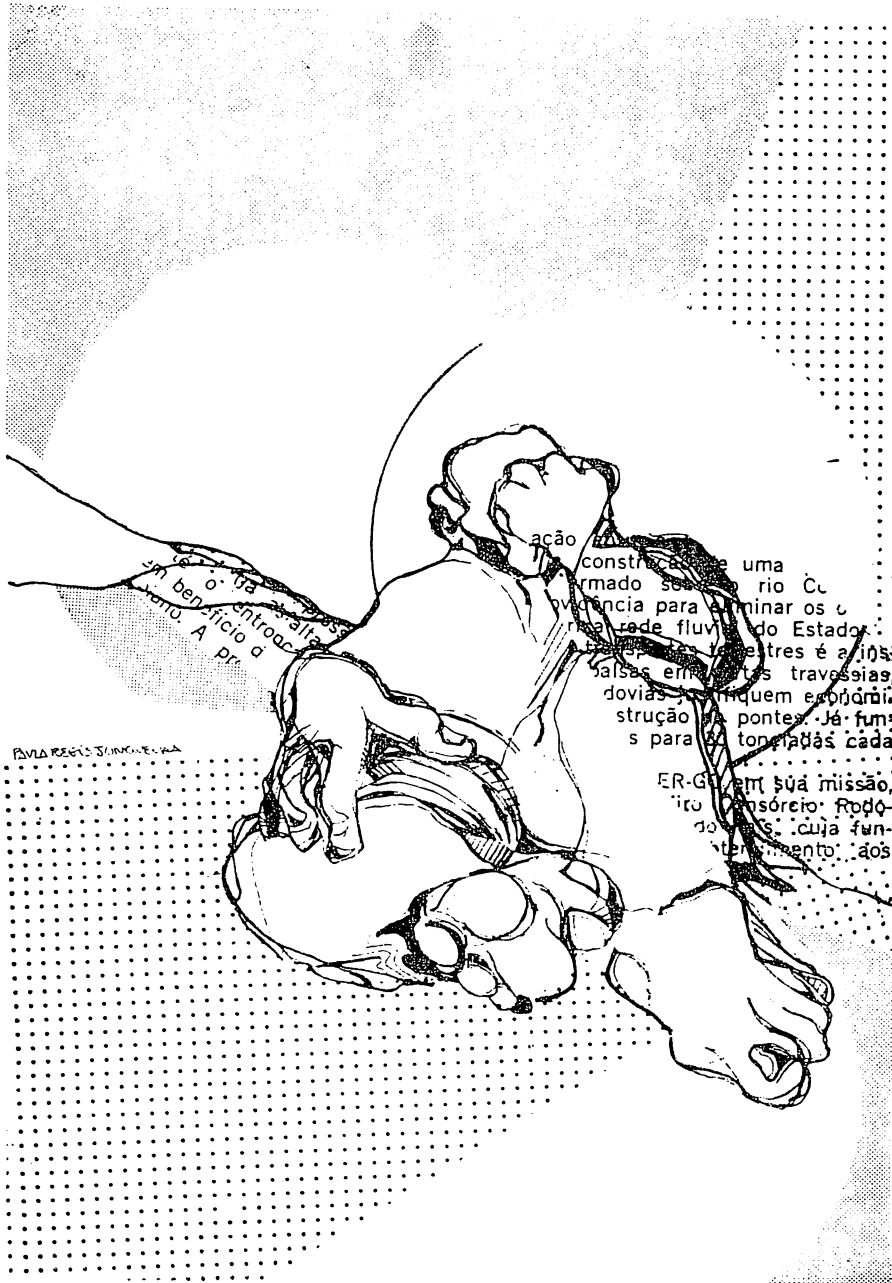
*Mundo disperso
no pensamento que foge
Em câmara lenta*

*Passo a passo
tempo vai
Descobrimo as cãs
que se anunciam
Precoces
Em nossa nuca
que raro se volta
se curva
em submissão.*

*Ao longe, firmando a vista, óculos encavalando o nariz, vejo
uma luz. Lusco-fusco.*

*Pode ser um aviso
ou incentivo
ou armadilha.*

Não sei



...ção. A
...o. Já
...o. A pr

... construção de uma
...rmado seu rio Cu
...vidência para eliminar os c
...a rede fluvial do Estado.
...tres é a in
...saisas em
...travessias,
...dovias, quem en
...strução de pontes. Já fun
...s para as toneladas cada

ER-G... em sua missão.
...iro Consórcio Rodó
...do...s, cuja fun-
...nterimento, aos

PAULA REIS JUNQUEIRA

*É tarde-noite da vida
Sinto o claro-escuro se firmar
abatendo-se sobre mim.*

*trabalho, família, poesia.
gravata, ideologia...*

*Revolto-me
E na passarela do abstrato
Disponho de um simples ato
Mecânico, quase independente
de traduzir um pensamento.*

*Mas não me convém o conteúdo. Algo em mim se estabelece
— atrito.*

*'Ser triste e parecer alegre
Enganar-se, enganando
Não ser singular
Pluralizar os sorrisos*

*Vejam que meus olhos
Não riem, até choram
em descompasso com o rosto.*

*A cada hora que passa mais me convenço da inutilidade de ser.
Ser alguma coisa, falsa ou verdadeiramente.*

*Esse sorriso firme
de uma boca retorcida.
Esse passo resoluto
de um corpo maltratado.
Apenas insegurança
de quem nada tem para dar
Amor? vazio.
Carinho? inútil.*

Por isso:

*Não construo, não destruo
Nem refaço o que ruir
Não me importa essa semente
Nem me abala essa saudade
Porque mesmo consciente
Da estrada que me resta
Esse corpo maltratado
Maltrapilho e já cansado
Vai parar neste caminho
Sem seguir a procissão.*